

**DINÂMICA ENTRE A TECNOLOGIA, O AMBIENTE ESCOLAR E A
CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS**
**DYNAMICS BETWEEN TECHNOLOGY, THE SCHOOL ENVIRONMENT,
AND THE DEVELOPMENT OF SOCIO-EMOTIONAL COMPETENCIES**

ISSN: 2674-662X. DOI: 10.29327/2334916.19.1-101

Maria Neuracy Araujo Soares ¹

Maria Julieta Nogueira ²

José Ribamar Costa Amorim ³

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar como o uso de tecnologias digitais no ambiente escolar contribui para o desenvolvimento de competências socioemocionais nos alunos. De abordagem qualitativa, o estudo foi realizado em duas escolas públicas, utilizando entrevistas e observações como métodos de coleta. A análise de conteúdo revelou que o uso intencional da tecnologia, aliado a práticas pedagógicas colaborativas, favorece o desenvolvimento de habilidades como empatia, autorregulação e cooperação. Conclui-se que a mediação docente e o planejamento pedagógico são essenciais para integrar tecnologia e educação socioemocional de forma efetiva e humanizada.

PALAVRAS-CHAVE: tecnologia; habilidades socioemocionais; ambiente escolar.

ABSTRACT

This research aimed to analyze how the use of digital technologies in the school environment contributes to the development of socio-emotional skills in students. With a qualitative approach, the study was carried out in two public schools, using interviews and observations as collection methods. The content analysis revealed that the intentional use of technology, combined with collaborative pedagogical practices, favors the development of skills such as empathy, self-regulation and cooperation. It is concluded that teacher mediation and pedagogical planning are essential to integrate technology and socio-emotional education in an effective and humanized way.

KEYWORDS: technology; socio-emotional skills; school environment.

¹ Licenciatura em Geografia. Pós-Graduação em Gestão Ambiental e Supervisão Escolar. Mestranda em Ciências da Educação pela Escola Superior de Educação João de Deus - Lisboa, Portugal. **E-MAIL:** neurasoares3@gmail.com

² Graduada em Letras. Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Gestão e Supervisão Escolar. Mestranda em Ciências da Educação pela Escola Superior de Educação João de Deus - Lisboa, Portugal. **E-MAIL:** mjulinogueira2001@gmail.com

³ Graduado em Teologia; Pedagogia e Letras. Pós-Graduado em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio com ênfase em Língua Portuguesa e Supervisão Pedagógica. Mestrando em Ciências da Educação pela Escola Superior de Educação João de Deus - Lisboa, Portugal. **E-MAIL:** jrc.amorim1@gmail.com

INTRODUÇÃO

A integração da tecnologia ao ambiente escolar tem se intensificado nas últimas décadas, remodelando não apenas as práticas pedagógicas, mas também as formas de interação, aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes. No entanto, esse avanço tecnológico, embora promissor, suscita desafios importantes, sobretudo no que diz respeito à construção de competências socioemocionais dos alunos — habilidades essenciais para a convivência, a autorregulação emocional e o sucesso acadêmico e pessoal. Como bem afirmam Moran e Masetto (2013), a tecnologia pode ser uma aliada poderosa na educação, desde que sua utilização esteja conectada a propósitos pedagógicos claros e humanizadores.

Diante disso, torna-se necessário compreender a dinâmica que se estabelece entre o uso de tecnologias no ambiente escolar e o desenvolvimento das competências socioemocionais, considerando que a escola, enquanto espaço formativo, tem um papel fundamental na mediação dessas experiências. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já aponta a importância dessas competências como parte de uma formação integral, que transcende a mera aquisição de conteúdo. Como destaca Damásio (2012), a emoção é parte constitutiva da razão e da aprendizagem, sendo, portanto, impossível separar o desenvolvimento cognitivo do emocional.

Perante esse cenário, surge a seguinte problemática: como as tecnologias educacionais, utilizadas no ambiente escolar, influenciam o desenvolvimento das competências socioemocionais nos alunos? A investigação dessa questão tem como objetivo geral analisar a relação entre o uso de tecnologias no contexto escolar e o desenvolvimento de competências socioemocionais nos estudantes da educação básica. Como objetivos específicos, pretende-se: analisar práticas pedagógicas que integram tecnologias digitais com o desenvolvimento socioemocional; identificar

percepções de professores e alunos sobre os efeitos dessas práticas no ambiente escolar; e propor estratégias para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais.

A relevância deste estudo se justifica pela crescente demanda por práticas educativas que atendam não apenas às exigências tecnológicas contemporâneas, mas também às necessidades humanas mais profundas dos alunos, como o autoconhecimento, a empatia e a capacidade de trabalhar em equipe. Em um cenário marcado por avanços digitais rápidos e mudanças sociais intensas, compreender como a escola pode alinhar a tecnologia ao desenvolvimento integral dos estudantes é uma tarefa urgente e relevante para educadores, gestores e formuladores de políticas públicas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A sociedade contemporânea tem sido marcada por transformações digitais aceleradas que afetam diretamente o cotidiano escolar, impondo à educação o desafio de se adaptar a novos modos de ensinar e aprender. A presença cada vez maior de tecnologias digitais no ambiente escolar exige uma reconfiguração das práticas pedagógicas e uma reflexão sobre o desenvolvimento integral dos estudantes (BACICH; MORAN, 2018).

A escola do século XXI precisa ir além do ensino de conteúdos e competências técnicas, incorporando ao currículo a formação e as competências socioemocionais, como empatia, autocontrole, pensamento crítico e trabalho em equipe, são hoje reconhecidas como fundamentais para a formação de cidadãos éticos, resilientes e preparados para lidar com a complexidade do mundo atual (CASEL, 2020).

O uso de tecnologias na educação pode contribuir de forma significativa para esse desenvolvimento, desde que utilizado com intencionalidade pedagógica. Segundo Costa e Silva (2020), a tecnologia não deve ser vista como um fim em

si mesma, mas como um meio que, quando bem mediado, pode estimular a criatividade, a empatia e o engajamento emocional dos alunos.

De acordo com Salinas (2018), as tecnologias digitais permitem maior autonomia do aluno no processo de aprendizagem, possibilitando a construção de conhecimentos por meio de projetos, colaboração e resolução de problemas. Essas experiências favorecem não apenas o desempenho acadêmico, mas também o fortalecimento das competências socioemocionais.

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) estabelece as competências socioemocionais como parte das dez competências gerais que devem ser desenvolvidas ao longo da educação básica, o que reforça a necessidade de práticas pedagógicas que integrem o desenvolvimento emocional à aprendizagem de conteúdos.

A pandemia da COVID-19, por sua vez, acelerou o uso de tecnologias digitais na educação e evidenciou ainda mais a importância das competências socioemocionais. Conforme destacam Carvalho et al. (2021), durante o ensino remoto, escolas que estimularam a escuta ativa, o acolhimento e o uso de plataformas interativas conseguiram manter vínculos mais sólidos entre professores e estudantes.

A presença da tecnologia também transformou os modos de interação entre os sujeitos, criando novas formas de expressão e comunicação. Para Almeida e Valente (2019), o uso de mídias digitais no ambiente escolar, quando associado a práticas reflexivas e colaborativas, favorece o desenvolvimento da autorregulação emocional e da convivência ética entre os alunos.

A simples inserção de dispositivos tecnológicos na escola não garante avanços no desenvolvimento socioemocional. Estudos como os de Franco e Tonetto (2022) alertam que o uso excessivo e descontextualizado de tecnologia pode gerar ansiedade, dispersão e isolamento social, o que evidencia a necessidade de uma mediação qualificada.

Nesse cenário, o papel do professor é central. Educadores precisam estar preparados não apenas tecnicamente, mas também emocionalmente para lidar com os desafios da educação contemporânea. Segundo Lima e Souza (2020), professores emocionalmente conscientes são mais capazes de promover ambientes de aprendizagem empáticos e colaborativos.

Assim, torna-se fundamental investir na formação continuada dos docentes, incluindo estratégias que envolvam tanto o uso pedagógico de tecnologias quanto o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Tal perspectiva alinha-se à visão de Veiga (2021), para quem a formação docente deve contemplar dimensões éticas, afetivas e digitais.

Outro ponto relevante diz respeito à criação de ambientes de aprendizagem híbridos, que combinem o presencial e o digital, promovendo a personalização da aprendizagem. Segundo Horn e Staker (2017), modelos híbridos bem estruturados permitem maior engajamento dos alunos e oferecem oportunidades para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

A gestão escolar também tem papel importante nesse processo. Escolas que promovem uma cultura institucional voltada para o bem-estar, o diálogo e a inovação conseguem integrar de forma mais eficaz a tecnologia e o socioemocional ao projeto pedagógico (GUEDES; CASTRO, 2021).

É necessário, ainda, que os projetos escolares contemplem a escuta dos alunos, promovendo a construção coletiva do conhecimento e o protagonismo juvenil. Quando os estudantes participam ativamente das decisões escolares, sentem-se mais valorizados e desenvolvem competências como empatia, responsabilidade e colaboração (GOMES; TEIXEIRA, 2023).

Com base nessa perspectiva, a tecnologia deve ser pensada como uma ferramenta que potencializa vínculos e humaniza relações. Segundo Costa e Feltrim (2022), plataformas educacionais podem favorecer o desenvolvimento da empatia e do autocuidado quando

utilizadas em projetos que valorizam a afetividade e a diversidade.

A compreensão do ambiente escolar como espaço de desenvolvimento integral exige que o uso de tecnologias seja compreendido dentro de uma lógica relacional e afetiva. Nesse sentido, o conceito de “ambiente educador digital” proposto por Valente (2019) destaca a importância de espaços que integrem recursos tecnológicos com práticas pedagógicas centradas na construção da cidadania e do bem-estar socioemocional. O autor reforça que o digital, quando intencionalmente trabalhado, pode oferecer experiências de aprendizagem significativas e emocionalmente envolventes, desde que inserido em uma cultura escolar que valorize a escuta, a empatia e o acolhimento.

O PAPEL DA CULTURA ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL

O fortalecimento das competências socioemocionais no ambiente escolar também depende diretamente da cultura institucional e dos valores praticados no cotidiano educacional. Uma cultura escolar que valoriza o respeito, o diálogo, a escuta ativa e o bem-estar emocional dos estudantes, contribui para a criação de um ambiente propício ao desenvolvimento dessas habilidades. Segundo Guedes e Castro (2021), escolas que integram intencionalmente ações voltadas à convivência, ao acolhimento e ao protagonismo estudantil tendem a promover maior engajamento dos alunos, reduzindo comportamentos de evasão, desmotivação e conflito. Além disso, é nesse contexto relacional que os estudantes aprendem a lidar com frustrações, a resolver conflitos de forma ética e a fortalecer sua autoestima, aspectos centrais da formação socioemocional.

A construção dessas competências no ambiente escolar também se relaciona à forma como os vínculos entre educadores e estudantes são cultivados. Um

ensino que se apoia apenas em ferramentas digitais, sem promover o vínculo humano e a dimensão emocional da aprendizagem, tende a produzir resultados superficiais. Nesse sentido, o estudo de Meireles e Barbosa (2021) evidencia que práticas pedagógicas centradas no afeto e no diálogo, mesmo mediadas por tecnologias, contribuem para a diminuição da ansiedade escolar e para o fortalecimento da autoestima dos alunos. A escola, portanto, precisa assumir uma posição ativa na formação socioemocional, principalmente em tempos de maior virtualização das relações. E de acordo com Costa:

A formação contínua de professores é um dos aspectos centrais no contexto educacional, uma vez que são eles os responsáveis, na prática, por implementar as políticas e estratégias pedagógicas em sala de aula. Nesse cenário, destaca-se a importância de práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento integral dos estudantes. É fundamental a adoção de metodologias ativas que envolvam os alunos em atividades práticas e colaborativas, como projetos em grupo e discussões orientadas, pois essas estratégias contribuem significativamente para a promoção das competências socioemocionais. Costa (2023, p.62)

Desse modo, o autor argumenta de forma contundente sobre a importância de os professores atuarem como facilitadores das estratégias pedagógicas, desde que estejam também emocionalmente preparados para lidar com as situações cotidianas da escola e dos grupos de trabalho. Essa preparação é essencial para que contribuam de maneira efetiva no desenvolvimento das competências socioemocionais, promovendo um ambiente educacional mais interativo, acolhedor e propício ao aprendizado integral dos alunos.

A abordagem por competências, tão destacada na BNCC, também reforça essa necessidade de integração. Segundo Del Prette e Del Prette (2019), as competências socioemocionais não devem ser vistas como conteúdos isolados ou “disciplinas extras”, mas sim como habilidades que perpassam todas as áreas do

conhecimento, sendo desenvolvidas na prática cotidiana, por meio da convivência, da resolução de conflitos e da mediação constante das emoções no processo de aprendizagem.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), implementada no Brasil a partir de 2017, reconhece as competências socioemocionais como parte fundamental da formação dos estudantes ao longo da Educação Básica. Ao propor dez competências gerais, o documento evidencia a necessidade de integrar o desenvolvimento cognitivo com aspectos emocionais, sociais e éticos. Nesse sentido, torna-se imprescindível que os professores não apenas compreendam os princípios da BNCC, mas também se sintam preparados para promover práticas pedagógicas que articulem conteúdos escolares com experiências que estimulem empatia, autocontrole, responsabilidade e pensamento crítico nos alunos.

Para que essa proposta se concretize no cotidiano escolar, é necessário investir em uma formação continuada que vá além da dimensão técnica e inclua aspectos relacionados ao autoconhecimento, à gestão emocional e às relações interpessoais dos docentes. A BNCC exige do professor uma atuação reflexiva, colaborativa e sensível às diversidades presentes em sala de aula. Assim, quanto mais o educador estiver emocionalmente fortalecido e consciente de seu papel, maior será sua capacidade de criar ambientes de aprendizagem significativos, nos quais os estudantes se sintam motivados e seguros para desenvolver suas habilidades socioemocionais.

Além disso, as metodologias ativas propostas por autores como Costa (2023) convergem com as diretrizes da BNCC ao valorizarem o protagonismo do aluno no processo de aprendizagem. Estratégias como aprendizagem baseada em projetos, estudos de caso, rodas de conversa e trabalho em equipe favorecem não apenas a assimilação de conteúdos, mas também a vivência de valores fundamentais para a convivência social. Cabe ao professor, portanto, assumir o papel de mediador consciente e sensível, capaz de transformar

desafios cotidianos em oportunidades pedagógicas, alinhando suas práticas às exigências curriculares contemporâneas e às necessidades emocionais dos estudantes.

É nesse contexto, que ganham força as metodologias ativas de aprendizagem, como a aprendizagem baseada em projetos, o ensino híbrido, a sala de aula invertida e o design thinking educacional. Tais abordagens não apenas promovem o protagonismo estudantil, mas também estimulam a colaboração, o diálogo e a resolução coletiva de problemas. Bacich, Tanzi e Trevisani (2015) argumentam que metodologias ativas favorecem a autonomia e o engajamento emocional dos estudantes, possibilitando que eles desenvolvam habilidades interpessoais de forma mais efetiva quando comparadas a modelos expositivos tradicionais.

Além disso, o trabalho com tecnologias digitais oferece oportunidades para a personalização da aprendizagem e para a expressão de diferentes linguagens e subjetividades. Plataformas educacionais com recursos de gamificação, feedback instantâneo e aprendizagem adaptativa podem gerar ambientes mais motivadores, desafiadores e emocionalmente envolventes. Conforme apontam Santos e Moura (2022), o uso de jogos digitais e narrativas interativas no ensino tem mostrado resultados positivos na promoção da empatia, da persistência e do pensamento crítico — todas competências de ordem socioemocional.

No entanto, tais benefícios não são automáticos. A presença de recursos tecnológicos não substitui o papel do educador como mediador e facilitador das relações humanas. O professor contemporâneo precisa assumir um papel ativo como designer de experiências pedagógicas significativas, como gestor do clima emocional da sala de aula e como orientador da convivência ética. Nesse sentido, Perrenoud (2020) ressalta que a competência docente não está apenas no domínio do conteúdo, mas também na capacidade de criar contextos de aprendizagem nos

quais os alunos se sintam seguros emocionalmente para aprender, errar, cooperar e crescer.

Outro ponto que merece destaque é a relação entre tecnologia, inclusão e equidade no contexto escolar. O uso de plataformas digitais pode ampliar ou reduzir desigualdades, dependendo de como são planejadas e utilizadas. Conforme argumentam Oliveira e Costa (2021), escolas públicas que adotam práticas digitais sem considerar as desigualdades de acesso ou sem preparar emocionalmente os alunos para lidar com os desafios da autonomia digital podem acentuar sentimentos de exclusão e frustração. É imprescindível, portanto, que a inserção tecnológica venha acompanhada de políticas de formação, suporte psicológico e infraestrutura adequada.

Além disso, a cultura digital impõe à escola novos desafios relacionados à cidadania e à ética nas redes. O letramento digital e o desenvolvimento da empatia online tornam-se habilidades fundamentais no século XXI. Segundo Lima e Santos (2020), a escola precisa assumir o papel de mediadora no uso responsável das mídias sociais, promovendo a reflexão crítica sobre o respeito à diversidade, os impactos do discurso de ódio e os riscos da exposição excessiva nas redes. Tais práticas também estão diretamente ligadas ao fortalecimento das competências socioemocionais, especialmente no que diz respeito ao autocontrole, à responsabilidade e ao respeito interpessoal.

Nesse processo, o protagonismo juvenil deve ser estimulado como estratégia de engajamento emocional e construção da autonomia. A escuta ativa dos alunos, a participação em projetos interdisciplinares e o uso de tecnologias como meio de expressão (vídeos, podcasts, blogs, redes sociais educativas) são caminhos eficazes para o desenvolvimento da empatia, da criatividade e da autoeficácia. Segundo Silva e Amaral (2023), estudantes que se sentem escutados e valorizados em suas ideias tendem a desenvolver maior autoestima e senso de pertencimento escolar, aspectos centrais para o desenvolvimento emocional.

A família também desempenha papel relevante na articulação entre tecnologia e competências socioemocionais. Em um mundo hiper conectado, o alinhamento entre escola e família é essencial para que haja uma educação integral e coerente. Barreto e Ribeiro (2021) argumentam que o diálogo escola-família precisa ser fortalecido para que ambos atuem de forma complementar na mediação emocional e no uso ético das tecnologias. Projetos de educação digital familiar, oficinas sobre saúde emocional e rodas de conversa sobre convivência online podem ser estratégias valiosas nesse sentido.

O uso consciente da tecnologia no ambiente escolar deve ser orientado por valores humanistas, por uma pedagogia da escuta e por práticas que valorizem a subjetividade dos alunos. A educação digital não deve se restringir ao domínio técnico, mas precisa incluir dimensões éticas, emocionais e afetivas. Uma escola inovadora é, antes de tudo, uma escola que acolhe, que escuta e que forma cidadãos empáticos, críticos e colaborativos. Como afirmam Rios e Bastos (2022), a educação do futuro não é apenas digital — ela é emocionalmente inteligente, racionalmente madura e socialmente engajada.

A efetiva integração entre tecnologia, ambiente escolar e competências socioemocionais depende de uma visão sistêmica da educação, que compreenda o aluno como um ser integral e a escola como um espaço de desenvolvimento humano em múltiplas dimensões. Nesse contexto, a construção de uma cultura escolar que valorize a escuta, o cuidado e o vínculo, é fundamental. Conforme destaca Cruz (2021), uma escola emocionalmente inteligente é aquela que promove relações saudáveis entre todos os seus membros, contribuindo para o bem-estar e o engajamento dos estudantes. A tecnologia, nesse cenário, deve ser pensada como instrumento facilitador dessas relações, e não como substituto da presença humana.

Além disso, o desenvolvimento das competências socioemocionais por meio do uso de

tecnologias deve considerar as diferentes realidades e contextos escolares. Em muitas escolas públicas brasileiras, os desafios relacionados ao acesso à internet, à formação docente e ao suporte técnico ainda são obstáculos significativos. Por isso, políticas públicas que garantam infraestrutura, conectividade e formação continuada são fundamentais para tornar equitativa a inserção digital com foco no desenvolvimento integral. Segundo Souza e Martins (2022), é necessário que os programas de inovação educacional no Brasil sejam acompanhados de ações de formação humana e emocional, evitando que a tecnologia aprofunde desigualdades já existentes.

Assim, a promoção das competências socioemocionais no contexto digital não é uma tarefa isolada do professor, mas uma responsabilidade coletiva, que envolve a gestão escolar, as famílias, os próprios estudantes e as políticas educacionais. A articulação entre todos esses atores é essencial para que a escola cumpra seu papel transformador e acolhedor. Como concluem Gomes e Bastos (2023), uma educação verdadeiramente significativa no século XXI será aquela que conseguir equilibrar o uso criativo da tecnologia com a centralidade da relação humana, promovendo, assim, uma aprendizagem mais profunda, ética e emocionalmente sustentável.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo de natureza qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva, uma vez que busca compreender, por meio da análise interpretativa, as relações entre o uso de tecnologias no ambiente escolar e o desenvolvimento de competências socioemocionais nos estudantes. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela complexidade do objeto investigado, que envolve percepções, interações humanas, práticas pedagógicas e aspectos subjetivos da experiência escolar.

O campo empírico da pesquisa será composto por duas escolas públicas da educação básica, localizadas em contextos urbano e semiurbano, com o objetivo de analisar diferentes realidades escolares. Os sujeitos da pesquisa são professores e alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, totalizando aproximadamente 10 docentes e 40 estudantes, selecionados por meio de amostragem intencional, considerando critérios como participação em projetos com uso de tecnologias e vivência em práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento socioemocional.

A principal técnica de coleta de dados será a entrevista semiestruturada, aplicada tanto aos professores quanto aos alunos, buscando captar suas percepções sobre como as tecnologias digitais estão sendo utilizadas no cotidiano escolar e de que forma essas práticas impactam o desenvolvimento de habilidades como empatia, colaboração, autorregulação e pensamento crítico. Além disso, serão realizadas observações aos participantes em atividades pedagógicas mediadas por tecnologia, com o intuito de registrar, em diário de campo, situações que envolvam aspectos emocionais, interações sociais e estratégias docentes de mediação.

Os dados obtidos serão analisados com base na técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), a fim de identificar categorias temáticas emergentes relacionadas à articulação entre tecnologia, ambiente escolar e competências socioemocionais. A triangulação das informações provenientes das entrevistas e observações visa assegurar maior rigor e consistência à interpretação dos resultados.

Quanto aos aspectos éticos, a pesquisa seguirá os princípios estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Todos os participantes assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo garantidos o anonimato e o sigilo das informações fornecidas. O projeto será submetido ao

Comitê de Ética em Pesquisa da instituição vinculada, antes da coleta de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados obtidos por meio das entrevistas e observações revelou aspectos relevantes sobre como as tecnologias estão sendo integradas ao ambiente escolar e de que forma essa integração tem impactado o desenvolvimento de competências socioemocionais entre os estudantes. Os resultados indicam que, embora as escolas participantes tenham acesso a recursos tecnológicos, ainda há uma lacuna significativa na intencionalidade pedagógica voltada à promoção de habilidades socioemocionais, como empatia, escuta ativa e autorregulação emocional.

Entre os professores entrevistados, a maioria reconhece o potencial da tecnologia para tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas, especialmente com o uso de plataformas gamificadas, vídeos interativos e aplicativos de organização do conhecimento. No entanto, apenas uma parcela menor relatou utilizar esses recursos com o objetivo explícito de trabalhar aspectos emocionais ou de convivência. Isso evidencia, como aponta Costa e Silva (2020), que o uso pedagógico da tecnologia ainda se encontra em uma fase predominantemente instrumental, pouco articulada às dimensões humanas da aprendizagem.

Já entre os alunos, observou-se uma percepção positiva em relação às atividades que envolvem colaboração digital, como projetos em grupo mediados por ferramentas online e trabalhos que utilizam recursos audiovisuais. Estudantes relataram que, ao trabalharem juntos por meio da tecnologia, desenvolveram maior paciência, respeito às opiniões divergentes e senso de responsabilidade coletiva — elementos essenciais às competências socioemocionais, conforme proposto por CASEL (2020). A fala de um dos alunos exemplifica esse aspecto: "quando a gente faz os vídeos em grupo, a gente

aprende a escutar o outro e a resolver os problemas sem brigar".

As observações realizadas em sala de aula e nos espaços digitais revelaram ainda que, nos contextos em que os professores atuavam como mediadores ativos — propondo reflexões, estabelecendo vínculos e promovendo práticas colaborativas —, havia maior engajamento emocional dos alunos e comportamentos mais empáticos. Esses achados corroboram a análise de Lima e Souza (2020), para quem o papel do professor é decisivo na criação de um ambiente emocionalmente saudável, mesmo em contextos mediados por tecnologia.

Outro ponto relevante identificado foi a importância do acolhimento emocional no contexto pós-pandêmico. Em ambas as escolas, iniciativas voltadas ao cuidado socioemocional, como rodas de conversa online e projetos de escuta ativa, demonstraram efeitos positivos sobre a autoestima e a confiança dos estudantes. Nesses espaços, a tecnologia funcionou como facilitadora do diálogo, especialmente com alunos mais introvertidos, que se expressaram com mais segurança em ambientes digitais, conforme apontado por Silva e Amaral (2023).

No entanto, também foram observadas situações de uso excessivo ou mal orientado da tecnologia, resultando em dispersão, ansiedade e dificuldade de concentração. Em contextos onde as ferramentas eram aplicadas sem clareza de objetivos pedagógicos ou sem acompanhamento emocional, os efeitos foram opostos aos desejados. Tais achados reforçam as advertências feitas por Franco e Tonetto (2022), que alertam para o risco de uma "hiperconexão desregulada" no ambiente escolar.

Por fim, os dados evidenciam a necessidade de formação continuada dos professores, não apenas no uso técnico das ferramentas digitais, mas também no desenvolvimento de competências emocionais e relacionais que os habilitem a promover, de forma intencional, um ensino que una tecnologia e

humanização. Como sintetizam Guedes e Castro (2021), a inovação só se torna significativa quando está a serviço da convivência, do bem-estar e do desenvolvimento integral dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da presente pesquisa evidenciam que a integração entre tecnologia, ambiente escolar e o desenvolvimento de competências socioemocionais dos alunos é um processo complexo, que exige intencionalidade pedagógica, formação docente contínua e sensibilidade às necessidades emocionais dos estudantes. Observou-se que, quando bem mediadas, as tecnologias digitais podem favorecer a cooperação, o protagonismo juvenil e a empatia, especialmente por meio de projetos colaborativos, ambientes virtuais interativos e práticas de escuta ativa.

O uso da tecnologia por si só não garante o desenvolvimento de competências socioemocionais. É fundamental que sua aplicação esteja inserida em práticas educativas que valorizem o vínculo, o diálogo e a convivência ética no espaço escolar. Como destacam Bacich e Moran (2018), a inovação educacional só se concretiza quando promove aprendizagens significativas que respeitam a individualidade dos estudantes e favorecem o seu desenvolvimento integral.

A pesquisa também aponta para a centralidade do professor nesse processo. A formação emocional do educador é determinante para que ele possa atuar como mediador das relações e facilitador de experiências que integrem o cognitivo ao afetivo. Lima e Souza (2020) defendem que um professor emocionalmente consciente tem mais condições de promover ambientes seguros, acolhedores e desafiadores, essenciais para o florescimento das competências socioemocionais em sala de aula.

Outro aspecto relevante diz respeito ao papel da escola como um todo: é necessário que a gestão escolar, o currículo e as políticas educacionais estejam alinhados

à proposta de uma educação mais humanizada, que faça uso da tecnologia como aliada no processo de construção de cidadãos críticos, colaborativos e emocionalmente equilibrados. Para Guedes e Castro (2021), a cultura institucional voltada para o bem-estar coletivo e a inovação consciente é o alicerce para uma transformação educacional sustentável.

Conclui-se, portanto, que a articulação entre tecnologia, ambiente escolar e competências socioemocionais é não apenas possível, mas desejável — desde que orientada por valores éticos, objetivos pedagógicos claros e compromisso com a formação integral dos estudantes. É urgente que a escola do século XXI se assuma como um espaço de afeto, criatividade e pensamento crítico, no qual a tecnologia seja instrumento de mediação humana e não de distanciamento emocional. Como afirmam Costa e Feltrim (2022), “a educação digital que humaniza é aquela que reconhece o aluno em sua totalidade: mente, corpo, emoção e cultura”.

REFERÊNCIAS

- DAMASIO, Antonio R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; VALENTE, José Armando. *Tecnologia na escola: autoria, protagonismo e aprendizagem*. São Paulo: Loyola, 2019.
- BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel (Org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- CARVALHO, Mariana; SILVA, André; SANTOS, Rafaela. *Ensino remoto e vínculos escolares: aprendizagens da pandemia*. Revista Brasileira de Educação, v. 26, 2021.
- CASEL – Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning. *2020 CASEL Guide to Schoolwide SEL*. Chicago: CASEL, 2020.
- COSTA, Renata; FELTRIM, Mariana. *Educação socioemocional e tecnologias digitais: possibilidades de integração na prática pedagógica*. Cadernos de Educação, v. 25, n. 1, p. 98–117, 2022.

COSTA, G.M. Roda de conversa como recurso pedagógico na escola. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Educação, 2023. Disponível: <https://locus.ufv.br/server/api/core/bitstreams/474d3003-01dc-4b5b-aa90-3eb7ff2c4504/content>. Acessado em 09 de agosto 2024.

BARRETO, Eliane; RIBEIRO, Luciana. *Escola e família na mediação do uso das tecnologias digitais: desafios e possibilidades*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 26, e260063, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu>. Acesso em: 9 jul. 2025.

SILVA, Priscila; AMARAL, Bianca. *Protagonismo juvenil e competências socioemocionais: perspectivas no contexto escolar contemporâneo*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 53, n. 188, p. 45–63, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br>. Acesso em: 9 jul. 2025.

COSTA, Beatriz; SILVA, Priscila. *Tecnologia com intencionalidade pedagógica: um caminho para o desenvolvimento socioemocional*. Revista Educação & Tecnologia, v. 15, n. 2, 2020.

FRANCO, Maria Cristina; TONETTO, Luciana. *Ansiedade digital na escola: implicações para o desenvolvimento socioemocional*. Psicologia Escolar e Educacional, v. 26, n. 1, 2022.

GOMES, Luciana; TEIXEIRA, Paulo. *Protagonismo juvenil e escuta ativa na construção de ambientes escolares saudáveis*. Cadernos CEDES, v. 43, n. 120, 2023.

GUEDES, Simone; CASTRO, Renata. *Gestão escolar e inovação: o papel da liderança no acolhimento e no uso da tecnologia com propósito*. Revista Gestão & Educação, v. 15, n. 3, 2021.

HORN, Michael B.; STAKER, Heather. *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na sala de aula*. Porto Alegre: Penso, 2017.

LIMA, Juliana; SOUZA, Ana Paula. *Competências socioemocionais na formação docente: práticas reflexivas na educação básica*. Educação e Sociedade, v. 41, 2020.

SALINAS, Jesús. *Inovação educativa e uso de tecnologias digitais na aprendizagem colaborativa*. Revista Iberoamericana de Educación a Distância, v. 21, n. 2, 2018.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Desenvolvimento profissional docente na perspectiva da prática reflexiva*. Campinas: Autores Associados, 2021.

BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel (Org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2018.

COSTA, Renata; FELTRIM, Mariana. *Educação socioemocional e tecnologias digitais: possibilidades de integração na prática pedagógica*. Cadernos de Educação, Pelotas, v. 25, n. 1, p. 98–117, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/CadEdu/article/view/12030>. Acesso em: 9 jul. 2025.